

Pandemia Covid-19: um estudo de caso da Feira Agroecológica do PDS Porto Seguro, Marabá (PA)

*Covid-19 pandemic: a case-study for the Agroecological Fair of PDS
Porto Seguro, Marabá, Brazil*

*Janaira Almeida Santos¹, Julyana Carvalho Kluck Silva¹, Flávia Cristina Araújo Lucas²,
Hélio Raymundo Ferreira Filho³, Fábria Maria de Souza⁴, Gundisalvo Piratoba Morales⁵*

RESUMO: Para reduzir ao máximo o avanço do novo coronavírus foram implementadas ações que visaram o achatamento da curva de contágio, como principal medida o distanciamento social com suspensão parcial ou total das atividades comerciais, incluindo o trabalho nas feiras livres. Esse trabalho teve como objetivo identificar os efeitos da pandemia na produção e na comercialização de agricultores familiares, feirantes do Projeto de Desenvolvimento Sustentável Porto Seguro, em Marabá (PA). O estudo foi realizado por meio de pesquisa de campo e aplicação de um questionário, com questões sobre o perfil do agricultor, características das atividades desempenhadas e os impactos da pandemia. Em meio às abordagens qualitativas e quantitativas, os dados foram tabulados e interpretados por meio de análise descritiva. Os resultados indicaram aumento na produção dos agricultores e mudanças nas práticas sanitárias adotadas. Apesar disso, a comercialização sofreu diminuição e os preços se mantiveram estáveis ao comprometer diretamente a renda familiar. Logo, o auxílio emergencial foi fundamental à complementação da renda. Para se informar sobre a pandemia, os agricultores utilizaram principalmente televisão, rádio e o *WhatsApp*, visto algumas dificuldades de acesso à Internet. Os principais pontos negativos da pandemia, conforme a visão dos entrevistados, foram o fechamento do comércio, dificuldades nas vendas, prejuízos à saúde e perda de produtos. Já em relação ao ponto positivo, alguns relataram a criação da feira *on-line*, que se tornou uma solução, para conseguirem realizar a comercialização de seus produtos e entregar ao cliente.

Palavras-chave: Agricultura familiar. Mercado local. Segurança alimentar.

ABSTRACT: Several actions were deployed to contain the propagation of the new coronavirus and the flattening of the contagion curve, or rather, social distancing with partial or total suspension of commercial activities, including agricultural fairs. Current research identifies the effects of the pandemic on production and commercialization by family farmers in the Project of Sustainable Development Porto Seguro in Marabá PA Brazil. Study comprised field research and the application of a questionnaire with questions on the farmer's profile, characteristics of activities and impacts by the pandemic. Data from qualitative and quantitative approaches were tabulated and interpreted by descriptive analysis. Results showed a production increase by farmers and changes in sanitary practices. However, trade decreased and prices remained stable, impairing family income. Emergency help was important for income supplementation. Farmers had at their disposal TV, radio and WhatsApp for information, even though access to the Internet was not without difficulties. According to the interviewees, the pandemic's main negative items were lockouts, difficulties in selling, impairment of health and loss of products. Positive items comprised on-line agricultural fair, a new solution for reaching clients.

Keywords: Family agriculture. Local market. Food security.

Autor correspondente:
Janaira Almeida Santos: janairaalmeida14@gmail.com

Recebido em: 24/03/2021
Aceito em: 02/09/2021

¹ Mestrandas em Ciências Ambientais pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), Brasil.

² Doutora em Ciências Biológicas. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), Brasil.

³ Doutor em Ciências de Gestão. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), Brasil.

⁴ Doutora em Engenharia de Produção. Professora Assistente III da Universidade do Estado do Pará (UEPA), Brasil.

⁵ Doutor em Geologia e Geoquímica. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), Brasil.

INTRODUÇÃO

O surto de COVID-19 causado pelo vírus SARS-CoV-2 foi desencadeado em 2019 na cidade de Wuhan, na província de Hubei, na China, e desde então o mundo enfrenta uma emergência de saúde pública, com poder devastador ainda não experimentado em um passado recente (MCKIBBIN; FERNANDO, 2021). Na América Latina o primeiro contágio notificado foi em 25 de fevereiro de 2020, quando o Ministério da Saúde do Brasil confirmou o primeiro caso, um homem de 61 anos que viajou para a Lombardia, Norte da Itália, onde ocorria um surto significativo do vírus (RODRIGUEZ-MORALES *et al.*, 2020). No Pará a primeira ocorrência da doença foi anunciada em 18 de março de 2020 pelos órgãos governamentais competentes e, de acordo com o último boletim divulgado em 15 de janeiro de 2021, já são 308.936 casos confirmados no Estado (SSPEPA, 2021).

Com o avanço da doença pelo país foram implementadas ações que visaram o achatamento da curva de contágio, dentre as quais a principal medida adotada foi o distanciamento social, uma vez que a transmissão interpessoal ocorre, principalmente, pelo contato com secreções contaminadas (PHELAN; KATZ; GOSTIN, 2020). Diante disso, houve suspensão parcial ou total das atividades e mercados locais, permanecendo em funcionamento apenas os serviços essenciais e outros trabalhos em razão do seu caráter socioeconômico (FARIAS, 2020; JACKSON-FILHO *et al.*, 2020). Os impactos econômicos e sociais dessas medidas relacionadas às restrições ao comércio, motivaram reclamações e manifestações contrárias, já que este setor é responsável por significativa parcela dos empregos e renda municipais (BORSATTO *et al.*, 2020).

Sobre essas questões, Nicola *et al.* (2020) relataram que com o distanciamento social e o auto isolamento houve uma redução da força de trabalho em todos os setores econômicos e diversas pessoas entraram em situação de desemprego, aumentando os impactos de aspecto social. Com isso, houve a necessidade urgente de combinação entre a agenda política e a econômica, valendo-se de vários instrumentos econômicos e de gestão pública para ser capaz de enfrentar os desafios que foram impostos (SESSA *et al.*, 2020).

Nesse cenário, agricultores familiares foram atingidos de forma multidimensional com reflexos diretos sobre a saúde, a produção, a comercialização, a renda e formas de comunicação, visto que o principal ponto de escoamento dos produtos é a venda direta aos consumidores em feiras livres (FUTEMMA *et al.*, 2020).

A feira é uma iniciativa de âmbito local que tende a valorizar os vínculos do abastecimento com a produção agroalimentar, especialmente em se tratando de municípios de pequeno e médio portes, exercendo influência na melhoria de vida das pessoas, não só pela obtenção de renda familiar, mas pela apreensão das ideias e representações associadas à feira como espaço de socialização, carregada de narrativas e símbolos sociais (ANGULO, 2003). Na perspectiva da agricultura familiar as feiras representam um importante elemento, pois

propiciam um ambiente favorável ao setor por meio da renda semanal e estimulam as mudanças institucionais em razão de proporcionarem acesso a outros mercados, valorizando práticas produtivas mais adequadas à preservação do meio ambiente, do desenvolvimento sustentável e ao fornecimento de alimentos mais saudáveis (PAVAN; SANTOS JÚNIOR, 2017).

A atual crise mundial apresenta íntima relação com o meio ambiente, a saúde e o desenvolvimento sustentável e, devido ao surgimento de pandemias, que está diretamente associado à perda de biodiversidade, às mudanças climáticas, à exploração desenfreada de recursos naturais sem respeito à resiliência dos sistemas (MATIAS; MASTEGHIN; IMPERADOR, 2020; SOUZA; ROSA; ANTIQUEIRA, 2020).

Desse modo, cresce a necessidade de expansão de sistemas como os utilizados por povos tradicionais e através deles é possível garantir benefícios sociais, econômicos e ambientais (SILVA; BARBOSA, 2020). Ainda que seja um momento crítico para a sociedade, esse deve ser utilizado como subsídio para a construção de um novo amanhã, em que os comportamentos consumistas sejam substituídos por uma ótica de aproveitamento, de conexão e de harmonia com o ambiente (ANTIQUEIRA; SEKINE, 2020).

Apesar dos preocupantes impactos sociais, ambientais e econômicos causados por essa pandemia, é possível amenizá-los a curto prazo, através das políticas públicas de ações afirmativas, que possam de imediato ser um amparo legal para os indivíduos que mais necessitam conquistar espaços e se reconstruir socialmente (SILVA *et al.*, 2020). Quanto ao médio e ao longo prazo, Nicola *et al.* (2020) destacam que é necessário um planejamento para reequilibrar e reenergizar a economia com um amplo plano de desenvolvimento socioeconômico incluindo planos setoriais e um ecossistema que incentive o empreendedorismo para que aqueles com modelos de negócios robustos e sustentáveis possam florescer (NICOLA *et al.*, 2020).

Esse artigo teve como objetivo realizar uma análise descritiva do impacto da pandemia do novo coronavírus sobre os agricultores familiares feirantes do assentamento Porto Seguro, em Marabá (PA), de acordo com a importância da agricultura familiar na manutenção da agrobiodiversidade, o papel das feiras livres para a manutenção da vida de povos tradicionais e da valorização dos mercados locais.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado no município de Marabá (5°22'12"S; 49°7'1"O), Sudeste do Pará, que teve sua ocupação inicial na confluência dos rios Tocantins e Itacaiúnas. Com uma unidade territorial de 15.128,058 km² e aproximadamente 283.542 habitantes (IBGE, 2020), Marabá exerce grande influência socioeconômica na região e tem um papel representativo em modelos agrícolas familiares, os quais se consolidaram por meio de um longo processo migratório, que

influenciou na crescente urbanização e desenvolvimento de uma das áreas mais significativas da política de reforma agrária da região (SDT/MDA, 2010; LIMA, 2016).

Conforme a delimitação do estudo, a parte investigativa foi obtida na Feira Agroecológica do Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS) Porto Seguro (Figura 1), a 25 quilômetros do centro de Marabá. O Porto Seguro é uma modalidade de assentamento ambientalmente diferenciado, dividido em 37 lotes de seis alqueires, onde as famílias assentadas baseiam sua subsistência no extrativismo e em atividades de baixo impacto ambiental. Criada em 2016, a feira agroecológica ocorre semanalmente aos sábados, e conta com a participação de apenas sete agricultores familiares feirantes em virtude da limitação de espaço e tendas.

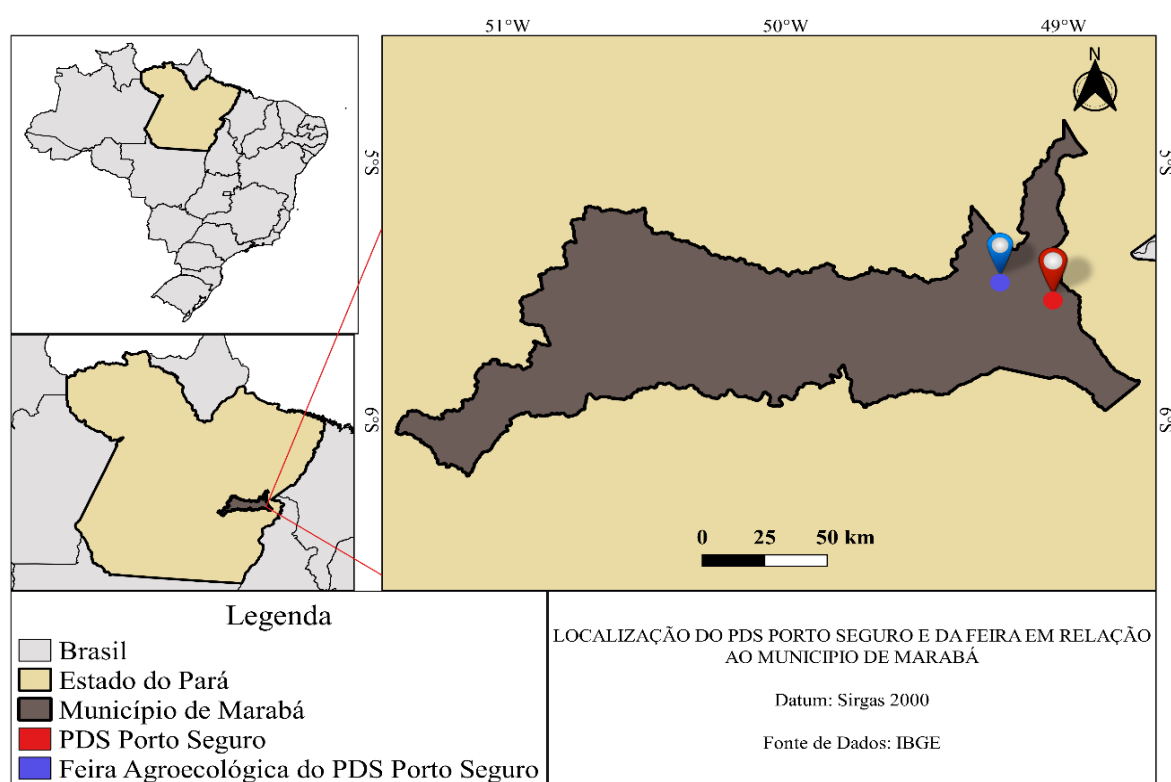


Figura 1. Localização da Feira Agroecológica do Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS) Porto Seguro
Fonte: Amorim (2020).

A pesquisa de caráter descritivo contemplou abordagens qualitativas e quantitativas. A coleta de dados se deu por meio de questionário com 21 perguntas abertas e fechadas (ver anexo), com os sete agricultores feirantes, bem como por meio de observação não participante na feira, a fim de apresentar por meio de um estudo de caso (GIL, 2019) o panorama geral de como a pandemia do novo coronavírus afetou as atividades produtivas e a obtenção de renda na agricultura familiar. As perguntas elaboradas abordaram o perfil do agricultor, características gerais de suas atividades e produtos, os impactos da pandemia sobre a produção e comercialização e o acesso às políticas públicas. A análise dos dados se deu através da

sistematização em planilhas do *Microsoft Excel* (2010), para agrupamento das informações, geração de produtos como gráficos e tabelas para a descrição e relação dos dados obtidos. Em atendimento à Resolução 466/2012 a pesquisa foi registrada na Plataforma Brasil (<http://plataformabrasil.saude.gov.br>), sob o protocolo CAAE 33468920.0.0000.860 e aprovada pelo Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Pará, conforme parecer substanciado de número 4.218.187.

A feira agroecológica do PDS Porto Seguro conta com a participação de sete agricultores familiares, dos quais foram entrevistados quatro mulheres e três homens, nascidos e criados com o trabalho de cultivo e manejo, com idades entre 20 e 60 anos, oriundos dos Estados do Pará (42,8%), Maranhão (42,8%) e Tocantins (14,2%), que ofertam semanalmente uma ampla diversidade de produtos da agricultura familiar (Quadro 1).

Quadro 1. Principais produtos vendidos na feira dos agricultores familiares do PDS Porto Seguro, Marabá (PA)⁶

Frutas	Hortaliças / verduras / legumes	Produtos de origem animal	Produtos processados	Sementes e grãos
Abacaxi	Abóbora	Galinha	Açafrão	Castanha-do-Pará
Acerola	Alface	Leite	Açaí	Fava
Bacuri	Cebolinha	Ovo	Andiroba	Feijão
Cacau	Cheiro-verde	Pato	Coloral	
Cajá	Couve	Peixe	Copaíba	
Caju	Inhame	Porco	Farinha	
Coco	Jambu		Polpa de frutas	
Laranja	Mandioca		Farinha de puba	
Limão	Maxixe		Tapioca de tapioca	
Mamão	Pimenta-de-cheiro		Tucupi	
Manga	Pimenta-do-reino			
Maracujá	Quiabo			
Melancia				
Melão				
Murici				
Tangerina				

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A feira ocorre em um espaço cedido pela Comuna do Cepasp (Centro de Educação, Pesquisa e Assessoria Sindical e Popular) e conta com a assessoria da Comissão Pastoral da Terra na divulgação e organização, e da Secretaria Municipal de Agricultura de Marabá na infraestrutura e no transporte. Os agricultores também realizavam feiras mensais nos campi da Universidade do Estado do Pará (UEPA) e da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), que foram suspensas por tempo indeterminado devido ao agravamento da pandemia no município.

⁶ Os quantitativos não podem ser especificados, porque os agricultores não têm registro dessa informação, sobretudo em razão da oscilação na oferta oriunda de cada um dos lotes envolvidos.

Na visão dos agricultores a feira exerce papel fundamental na dinâmica socioprodutiva local e ultrapassa a simples prática de compra e venda; além de garantir a sobrevivência das famílias, é um espaço que interliga o rural ao urbano por meio da valorização da agricultura familiar e das práticas agroecológicas, com vistas à proteção dos recursos naturais.

As feiras são importantes espaços de associação para pequenos e médios produtores que desejam comercializar de forma atrativa os produtos, contribuindo de forma significativa para a promoção do desenvolvimento sustentável da agricultura local, da soberania e segurança alimentar, pois os consumidores finais podem ter conhecimento de informações produtivas sobre os alimentos que consomem. Por outro lado, as feiras favorecem a preservação da autonomia dos agricultores, propiciam o aumento de renda, a diminuição do êxodo rural e do poder de barganha dos supermercados, mercearias, restaurantes entre outros (CARVALHO; GROSSI, 2019).

3.1 PRODUÇÃO DURANTE A PANDEMIA

A produção dos agricultores familiares feirantes é em grande parte direcionada ao consumo familiar, sendo comercializado apenas o excedente. Quando questionados sobre o impacto da pandemia na produção (Gráfico 1), a maioria dos entrevistados indicou ter havido um aumento de 50% na produção, e 28,50% tiveram redução de cerca de 30%. De acordo com os relatos dos entrevistados, esse aumento produtivo é explicado pelo fato de “o fechamento do comércio ter permitido que o tempo para se dedicar na produção fosse maior [...], o ruim é que tinha muita produção, mas não tinha como vender” (D. N. L., 28 anos).

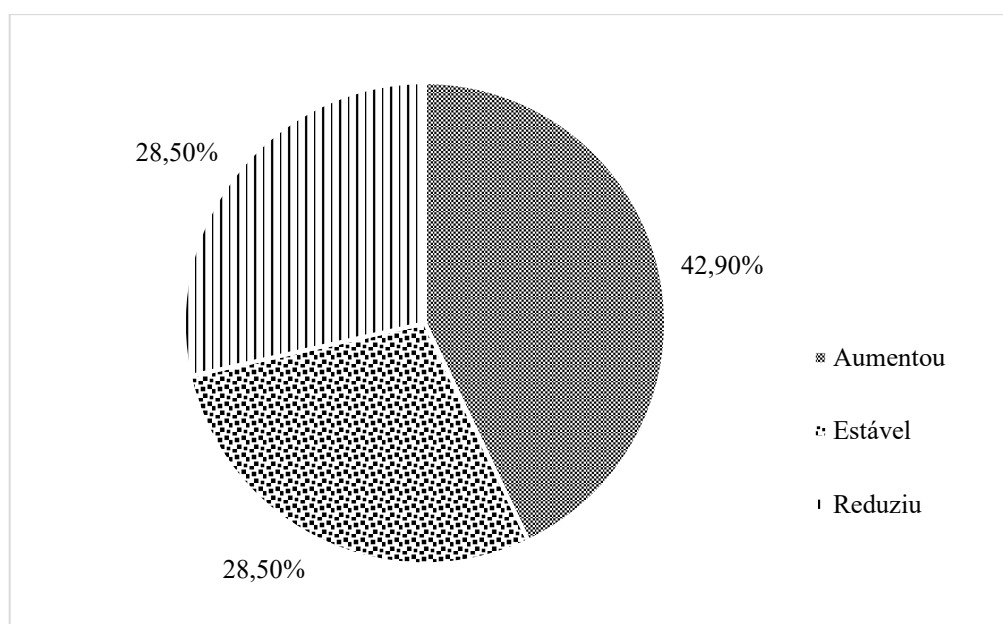


Gráfico 1. Impacto da pandemia na produção de agricultores familiares feirantes do Projeto de Desenvolvimento Sustentável Porto Seguro, Marabá (PA).

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Esses padrões polarizados das sequelas da pandemia foram identificados nos resultados de Futemma *et al.* (2020) para os Estados do Pará, Amazonas e São Paulo, onde as produções dos pequenos produtores rurais durante a pandemia ficaram divididas entre a não mudança e o aumento da produção. De modo geral, os efeitos dessa crise sanitária na agricultura familiar não têm apresentado evidências concretas na diminuição imediata da produção, uma vez que a demanda no setor alimentício se manteve estável mesmo nos períodos mais críticos e de maiores restrições (SCHNEIDER *et al.*, 2020). Apesar da pouca informação quanto aos protocolos de segurança que deveriam ser adotados no exercício das práticas produtivas, da baixa interação entre o grupo e da incerteza de retorno aos espaços de venda, os agricultores não pararam suas atividades diárias e não deixaram de fazer a colheita e o processamento dos produtos. Esses fatores, aliados ao maior tempo de permanência e dedicação dos agricultores nos lotes, impostos pelo isolamento social, foram fundamentais para que maioria dos entrevistados tivesse o aumento da produção⁷.

3.2 COMERCIALIZAÇÃO DURANTE A PANDEMIA

Com o avanço do novo coronavírus em Marabá, o decreto nº 26, publicado em 23 de março de 2020 no Diário Oficial do Município, estabeleceu o fechamento parcial do comércio e impôs a adoção de medidas de prevenção ao contágio e contenção da propagação de infecção da Covid-19, que afetaram diretamente diferentes atividades e estabelecimentos (bares, lanchonetes, restaurantes, academias, congressos, exposições, cinemas, dentre outros), inclusive os agricultores familiares feirantes do PDS Porto Seguro, que passaram a adotar novas medidas e estratégias de comercialização. Apesar de não haver restrição jurídica para funcionamento da feira, os agricultores optaram por suspender as atividades durante 20 dias no mês de abril de 2020, e essa decisão foi motivada, principalmente, “[...] pelo medo de contrair a doença e levar para dentro do assentamento” (M. L. G. M., 49 anos). Apesar da retomada das atividades, o impacto da pandemia na comercialização de maioria dos agricultores (Gráfico 2) representou uma redução de 40%.

⁷ Não foi possível apresentar uma média de lucros dessas famílias, tampouco comparar os cenários pré e pós-pandemia, porque o contato com os agricultores revelou que eles não fazem um controle de gastos e de lucros, portanto, não dispunham de dados concretos para informar, apenas de uma avaliação não contabilizada, baseada na realidade empírica.

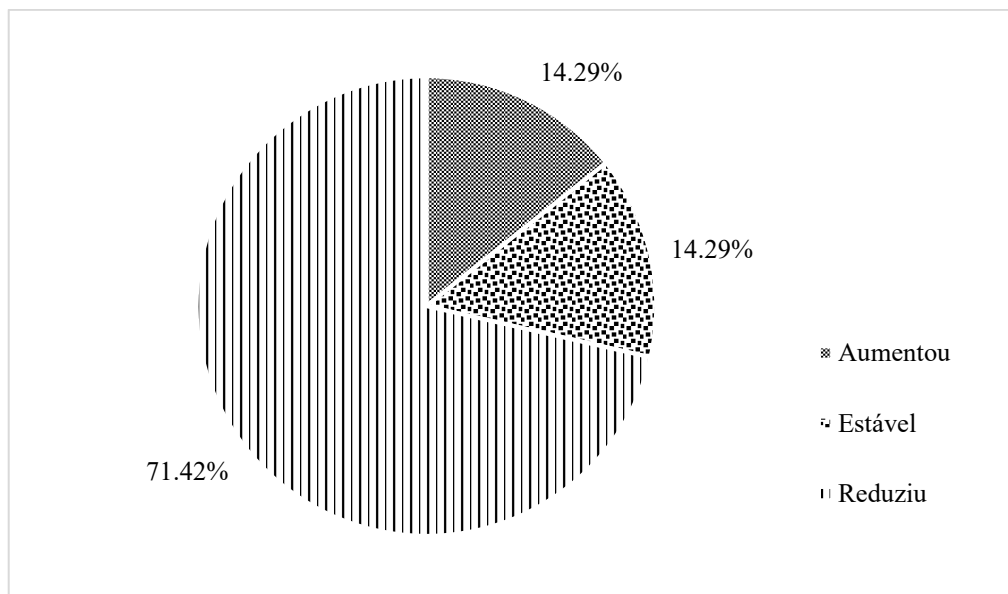


Gráfico 2. Impacto da pandemia na comercialização de agricultores familiares feirantes do PDS Porto Seguro, Marabá (PA)
Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Os agricultores feirantes que tiveram redução na comercialização dos produtos recorreram ao auxílio emergencial do Governo Federal e por isso a renda familiar mensal não foi comprometida. O auxílio emergencial, conforme Cardoso (2020), foi fundamental para minimizar os efeitos econômicos da pandemia para a parte mais vulnerável da população, servindo de lacuna de proteção social aos trabalhadores informais. No entanto, Souza e Riveros (2020), analisando os impactos do auxílio emergencial na vida dos trabalhadores da agricultura familiar de assentamentos da reforma agrária da Cidade de Goiás Velho (GO), observaram que muito embora este auxílio tenha permitido o cumprimento do isolamento social, dando subsídio para satisfazer parte das necessidades básicas das famílias, apenas 25% dos agricultores receberam o atendimento emergencial, apontando uma baixa participação da população rural no acesso ao benefício.

Quanto aos preços dos produtos comercializados (Gráfico 3), a maioria afirmou ter mantido estável, por entender a complexidade do momento, e 28,57% indicaram aumento em alguns produtos específicos devido à maior procura, como no caso das frutas cítricas laranja (*Citrus sinensis* L. Osbeck (var. Pera-rio)) e limão (*Citrus* L.). Na avaliação dos entrevistados, os produtos mais afetados são as frutas em geral, carnes e hortaliças.

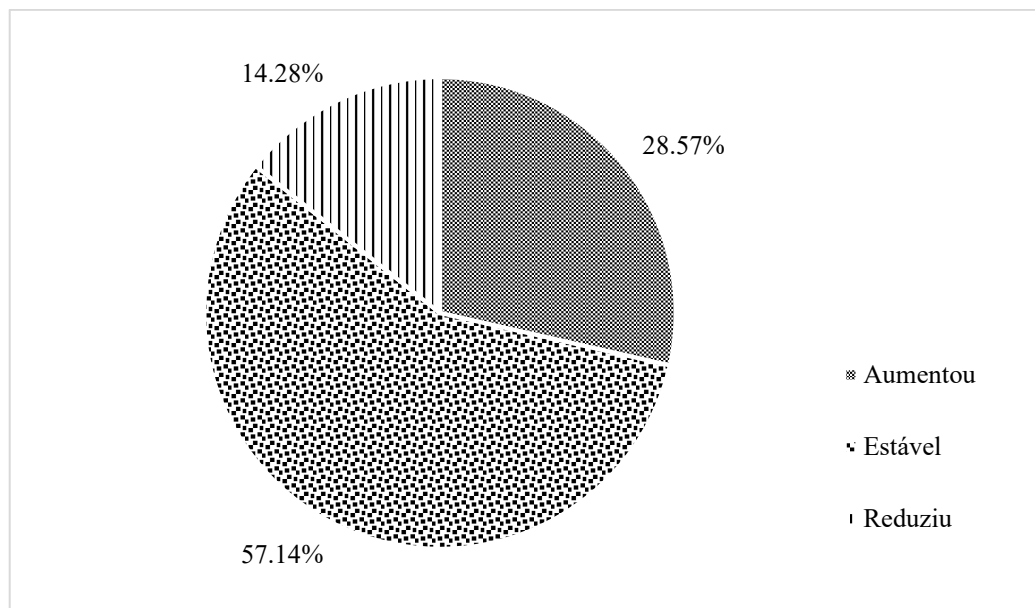


Gráfico 3. Preço dos produtos comercializados pelos agricultores familiares feirantes do PDS Porto Seguro, Marabá (PA)
Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Diante de um cenário de incertezas e extremas dificuldades, Almeida, Ferreira e Carneiro (2020) evidenciaram que as ações coletivas de produção e comercialização estão sendo preponderantes na promoção de oportunidades para agricultores familiares, pois através da associação e do coletivismo tem sido possível obter melhores condições de mercados e maiores benefícios sociais, alimentares e econômicos (ZANCO; CORBARI; ALVES, 2019). Nesse panorama, os agricultores familiares feirantes passaram a adotar estratégias coletivas de comercialização e implementaram a “feira *on-line*” com entrega em domicílio (*delivery*) durante a pandemia.

Com apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT) foi feito o levantamento dos valores e produtos oferecidos pelos agricultores, subsidiando a elaboração de um “cardápio eletrônico”, que foi divulgado nas redes sociais e enviado, via aplicativo de mensagens instantâneas, aos possíveis consumidores. Devido à instabilidade da Internet no assentamento, durante a semana os pedidos são feitos e agendados por um voluntário da CPT, que entra em contato com a agricultora-chefe e repassa as demandas dos consumidores. A entrega é feita aos sábados, durante a realização da feira física, com retirada no local, mediante hora agendada, ou entrega é realizada em domicílio, com o apoio de parceiros.

Essa nova organização permitiu que em tempos nos quais a saúde se tornou tão fragilizada, mais pessoas tivessem acesso a alimentos seguros e de qualidade, realçando mais uma vez a potencialidade da agroecologia no enfrentamento das injustiças e vulnerabilidades sociais que, drasticamente, foram acentuadas durante a pandemia. Num movimento de reinvenção os agricultores refletem a resistência e a ressignificação, de quem embasa a produção na sustentabilidade das atividades rurais, com a oferta de um alimento que não é

mercadoria fetichizada, é sano, nutritivo e produzido dentro de uma lógica de respeito à biodiversidade, aos produtores e consumidores, e busca integrar natureza e sociedade, defendendo a soberania alimentar, a saúde, a terra, o trabalho e a vida (IKUTA *et al.*, 2020).

Além da adoção de uma forma alternativa de venda, os entrevistados estão seguindo as instruções dos órgãos oficiais da saúde em relação aos cuidados sanitários necessários, desde a produção até a comercialização dos produtos (Figura 2). Dentre os cuidados adotados estão o uso de máscara pelos feirantes (100%), higiene pessoal com a lavagem regular das mãos e uso de álcool gel (86%), higienização do local (86%) antes e depois da feira, higiene dos produtos (14%) e uso de sacolas na entrega dos produtos (14%) (Gráfico 4).



Figura 2. Agricultora familiar seguindo os protocolos de segurança na comercialização dos produtos
Fonte: Acervo da pesquisa.

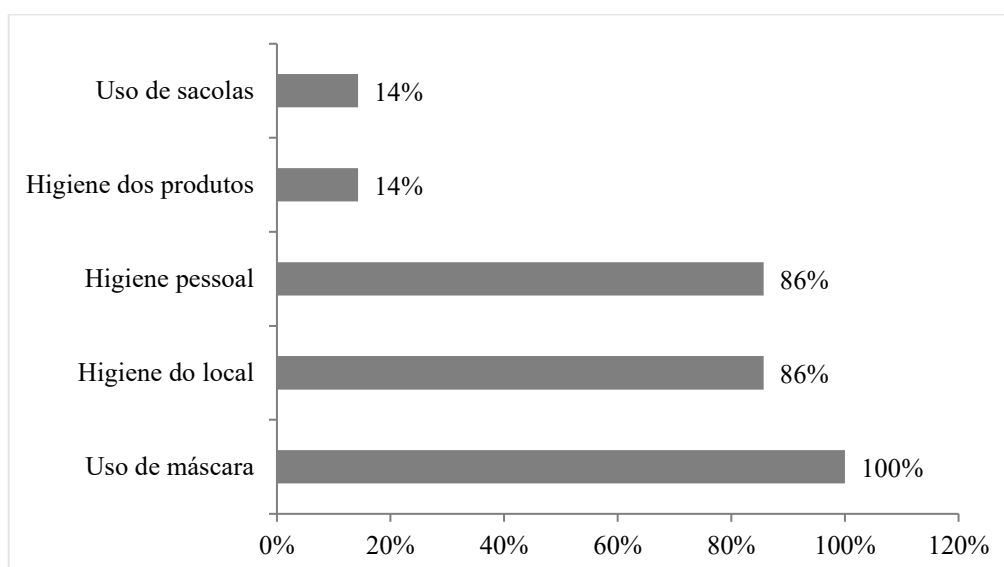


Gráfico 4. Cuidados adotados pelos agricultores familiares feirantes do PDS Porto Seguro, Marabá (PA)
Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Para Nascimento *et al.* (2020) há um conflito entre os códigos de saúde e de economia na atividade das feiras livres no contexto pandêmico atual, uma vez que a população costuma buscar por alimentos saudáveis nessa modalidade de comércio. Entretanto, a possibilidade de aglomeração acabou gerando uma maior preocupação, reforçando ainda mais a necessidade da coordenação conjunta com o sistema público para oferecer uma estratégia alternativa a consumidores e feirantes. Acerca dos impactos diretos e indiretos da Covid-19 sobre o trabalho na agricultura e nas cadeias curtas de suprimento, Chaves e Malanski (2020) citaram a saúde dos trabalhadores, escassez de mão de obra, redução de emprego e horas trabalhadas, renda dos trabalhadores rurais, a restrição do acesso aos mercados, a redução da demanda do consumidor, o preço dos alimentos e, conseqüentemente, a segurança alimentar que passa a ser ameaçada.

Ainda que a crise sanitária e econômica desencadeada pela disseminação do novo coronavírus tenha atingido os agricultores familiares feirantes do PDS Porto Seguro, eles se mantêm unidos e esperançosos no enfrentamento da pandemia:

[...] não tem sido fácil pra nós que vivemos da terra, mas buscamos sempre ajudar um ao outro [pausa] e se reinventar, né?! Pra poder entregar nossos produtos pros clientes. Essa pandemia veio pra mostrar que quando tem união as coisas dão certo e que não podemos é desistir, porque daqui a pouco isso tudo vai passar (M. L. G. M., 49 anos).

3.3 CANAIS DE INFORMAÇÃO UTILIZADOS DURANTE A PANDEMIA

Como em várias partes do mundo, houve mudanças drásticas no cotidiano dos brasileiros, que foram acompanhadas por um crescimento vertiginoso de informações, nem sempre precisas, divulgadas todos os dias pelos meios de comunicação oficiais ou pelas redes sociais (GALHARDI *et al.*, 2020). Para se manterem informados sobre a pandemia, os agricultores entrevistados usaram diferentes meios. Dentre eles, a televisão (86%), por meio dos programas jornalísticos locais e nacionais, foi o mais utilizado, seguido pelo rádio (29%) e pelo *WhatsApp* (29%). O meio informativo menos frequente foi a pesquisa na Internet (14%), devido à instabilidade da conexão no assentamento. A comunicação e a troca de informação entre os agricultores foi mantida de maneira remota, através de grupos criados no *WhatsApp*. De acordo com os relatos, essa foi uma forma de manter a interação e criar estratégias seguras de retorno às atividades, sem colocar em risco a saúde dos feirantes e de seus familiares.

3.4 PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DA CRISE DO NOVO CORONAVÍRUS

Para a maioria dos entrevistados (71%) a pandemia não apresentou ponto positivo, ou seja, não trouxe benefícios no campo produtivo e/ou comercial. No entanto, uma pequena parcela (28%) vê a criação da feira *on-line* como um fator que contribuiu diretamente na expansão do mercado e do número de vendas. Quanto aos pontos negativos, 43% citaram o fechamento do comércio e as dificuldades nas vendas (29%), seguido da saúde afetada (14%)

e da maior perda de produtos (14%). No que se refere à gestão da crise, vale ressaltar que os agricultores não receberam instruções ou apoio por parte do poder público. Sobre essas questões, Cavalli *et al.* (2020) reforçaram a importância das ações públicas na minimização dos impactos negativos na produção, comercialização e na renda dos agricultores familiares, através do fornecimento de equipamentos de proteção individual, da reorganização das feiras livres, do investimento em novas tecnologias para a comercialização direta, a garantia de renda mínima e do fortalecimento/ampliação da compra institucional de alimentos. Apesar da ausência de apoio público na contenção dos riscos, até o presente momento (19/01/2021) nenhum dos entrevistados testaram positivo ou apresentaram sintomas da doença.

4 CONCLUSÃO

A atual crise desencadeada pela disseminação do novo coronavírus fez com que a sociedade realizasse mudanças em sua forma de organização e exigiu adaptações em setores, como educação e economia, por meio da suspensão de algumas atividades e da circulação de pessoas. O estudo mostrou que, embora a produção dos agricultores familiares feirantes do PDS Porto Seguro tenha aumentado durante o período de isolamento, a comercialização reduziu devido ao isolamento social e os produtores também tiveram prejuízos com a perda de alguns produtos, transformando o acesso ao auxílio emergencial fundamental na garantia de renda familiar.

A maioria dos preços dos produtos se manteve estável, por ter sido a forma como os agricultores enxergaram, para conseguir manter seus clientes, visto a crise econômica iminente e a taxa de desemprego em alta, que fazem com que o poder de compra diminua em vários setores. Os cuidados sanitários foram seguidos com rigor e passaram a fazer parte da rotina dos agricultores feirantes, assim como a utilização de alguns canais de informação para obterem notícias sobre a pandemia e a feira *on-line*. Para grande parte dos agricultores a pandemia proporcionou prejuízos não somente para a comercialização e produção, mas também para a saúde, evidenciando a importância que eles possuem em relação aos cuidados sanitários adotados durante a realização da feira, que fazem com consigam realizar suas atividades como feirante com proteção e garantir que obtenham uma renda durante a crise econômica na pandemia.

5 AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a receptividade e colaboração dos agricultores familiares do PDS Porto Seguro, e à Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA) pelas bolsas concedidas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, I. C.; FERREIRA, J. C. S.; CARNEIRO, L. G. A. Um novo caminho para pequenos produtores contra Covid-19. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, p. e351985066-e351985066, 2020.
- ANGULO, J. L. G. Mercado local, produção familiar e desenvolvimento: estudo de caso da feira de Turmalina, Vale do Jequitinhonha, MG. **Revista de Administração da UFLA**, v. 5, n. 2, p. 96-109, 2003.
- ANTIQUEIRA, L. M. O. R.; SEKINE, E. S. Os “erres” pós pandemia: princípios para sustentabilidade e cidadania. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 15, n. 4, p. 70-79, 2020.
- BORSATTO, R. S.; GRIGOLETTO, F.; MACEDO, A. C.; MARTENSEN, A. C. Respostas dos municípios para garantir segurança alimentar e nutricional em tempo de pandemia. *In*: VALENCIO, N.; OLIVEIRA, C. M. (org.). **COVID-19: crises entremeadas no contexto de pandemia (antecedentes, cenários e recomendações)**. São Carlos: UFSCar/CPOI, 2020, v. 1, p. 165-184.
- CARDOSO, B. B. A implementação do Auxílio Emergencial como medida excepcional de proteção social. **Revista de Administração Pública**, v. 54, n. 4, p. 1052-1063, 2020. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/81902/78127>. Acesso em: 11 nov. 2020.
- CARVALHO, F. F.; GROSSI, S. F. A importância das feiras livres e seus impactos na agricultura familiar. **Revista Interface Tecnológica**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 226-234, 2019.
- CAVALLI, S. B.; SOARES, P.; MARTINELLI, S. S.; SCHNEIDER, S. Family farming in times of Covid-19. **Revista de Nutrição**, v. 33, p. 1-3, 2020.
- CHAVES, P. T. T.; MALANSKI, P. D. O que os organismos internacionais estão falando quanto ao impacto do coronavírus sobre o trabalho na agricultura? Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Priscila_Malanski/publication/342782785_O_que_os_organismos_internacionais_estao_falando_quanto_ao_impacto_do_coronavirus_sobre_o_trabalho_na_agricultura/links/5f05de82299bf188160a652a/O-que-os-organismos-internacionais-estao-falando-quanto-ao-impacto-do-coronavirus-sobre-o-trabalho-na-agricultura.pdf. Acesso em: 11 nov. 2020.
- FARIAS, H. S. O avanço da Covid-19 e o isolamento social como estratégia para redução da vulnerabilidade. **Espaço e Economia**, v. 17, p. 1-12, 2020.
- FUTEMMA, C.; TOURNE, D. C. M.; ANDRADE, F. A. V.; SANTOS, N. M.; ROSA, G. S.; EDUARTE, M. **Pandemia da Covid-19 e os pequenos produtores rurais: superar ou sucumbir?** Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5640223/mod_resource/content/1/FUTEMA%20et%20al%202020.pdf. Acesso em: 21 fev. 2021.

GALHARDI, C. P.; FREIRE, N. P.; MINAYO, M. C. S.; FAGUNDES, M. C. M. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25 (supl 2), p. 4201-4210, 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Marabá. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/maraba/panorama>. Acesso em: 20 out. 2020.

IKUTA, F. K.; CANDIDO, M. N.; MENEGHINI, G.; DA COSTA, C. R. F.; BARRETO, M.; FAVARO, J. L.; AUCELI, P. K. S. Agricultura camponesa e agroecológica, alimentando a re-existência para além da pandemia. **PEGADA - A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 21, n. 3, p. 332-360, 2020.

JACKSON FIHO, J. M.; ASSUNÇÃO, A. A.; ALGRANTI, E.; GARCIA, E. G., SAITO, C. A.; MAENO, M. A saúde do trabalhador e o enfrentamento da COVID-19. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 45, n. 14, p. 1-3, 2020.

LIMA, M. M. A produção social do espaço e a relação cidade - rio na ribeira de Marabá-PA: modernização, conflitos e resistências. **Geosp - Espaço e Tempo (Online)**, v. 20, n. 2, p. 267-280, 2016.

MARABÁ (PA). Decreto Nº 26 de 23 de março de 2020. **Diário Oficial dos Municípios do Estado do Pará**, Edição 2452, Marabá, PA, 2020. Disponível em: <https://maraba.pa.gov.br/wp-content/uploads/2020/03/Decreto-n%C2%BA-26-2020-fechamento-parcial-do-come%C3%A7o-1rcio-COVID-19.pdf.pdf>.

MATIAS, T. P.; MASTEGHIN, L. T.; IMPERADOR, A. M. A Sustentabilidade ambiental: da utopia à emergência. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 15, n. 4, p. 160-174, 2020.

MCKIBBIN, W. J.; FERNANDO, R. The Global Macroeconomic Impacts of COVID-19: Seven Scenarios. **Asian Economic Papers**, v. 20, n. 2, p. 1-30, 2021.

NASCIMENTO, R. do; ELMESCANY, R. S.; RIBEIRO, K. D.; VIDAL, J. P. Feiras livres em tempo de pandemia: um estudo de caso do município de Belém-PA. **Paper do NAEA 2020**, v. 29, n. 1 (Dossiê Crise e Pandemia), p. 143-165, 2020.

NICOLA, M.; ALSAFI, Z.; SOHRABI, C.; KERWAN, A.; AL-JABIR, A.; IOSIFIDIS, C.; AGHA, M.; AGHA, R. The Socio-Economic Implications of the Coronavirus and COVID-19 Pandemic. **International Journal of Surgery**, v. 78, p. 185-193, 2020.

PAVAN, D.; SANTOS JUNIOR, S. Sociodemografia dos agricultores familiares: contribuições da feira livre para sustentação do sistema. **Revista em Agronegócio e Meio Ambiente**, v. 10, n. 3, p. 653-671, 2017.

PHELAN, A. L.; KATZ, R.; GOSTIN, L. O. The Novel Coronavirus Originating in Wuhan, China: Challenges for Global Health Governance. **Jama**, v. 323, n. 8, p. 709-710, 2020.

RODRIGUEZ-MORALES, A. J.; GALLEGO, V.; ESCALERA-ANTEZANA, J. P.; MÉNDEZ, C. A.; ZAMBRANO, L. I.; FRANCO-PAREDES, C.; SUÁREZ, J. A.; RODRIGUEZ-ENCISO, H. D.; BALBIN-RAMON, G. J.; SAVIO-LARRIERA, E.; RISQUEZ, A.; CIMERMAN, S. COVID-19 na América Latina: as implicações do primeiro caso confirmado no Brasil. **Travel Med Infect Dis**, v. 35, p. 101613, 2020.

SCHNEIDER, S.; CASSOL, A.; LEONARDI, A.; MARINHO, M. de M. Os efeitos da pandemia da Covid-19 sobre o agronegócio e a alimentação. **Estudos avançados** [online], v. 34, n. 100, p. 167-188, 2020.

SDT, Secretaria de Desenvolvimento Territorial. Plano Territorial de Desenvolvimento Sustentável do Sudeste Paraense. Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA. Marabá, 2010.

SECRETARIA DE SAÚDE PÚBLICA DO ESTADO DO PARÁ (SSPEPA). Estado do Pará. Disponível em: www.covid-19.pa.gov.br/. Acesso em: 15 jan. 2021.

SESSA, C. B.; LEITE, D. F.; FELIPE, E. S.; LEAL, E. A. S.; FARIA, L. H. L.; TEIXEIRA, R. B.; MEDEIROS, R. L. Das recentes crises econômicas à crise da covid-19: reflexões e proposições para o enfrentamento da pandemia na economia brasileira e capixaba. **Ifes Ciência**, v. 6, n. 1, p. 40-62, 2020.

SILVA, C. L. F.; SILVA, M. S.; SANTOS, D. S.; BRAGA, T. G. M.; FREITAS, T. P. M. Impactos socioambientais da pandemia de SARS-CoV-2 (COVID-19) no Brasil: como superá-los? **Revbea**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 220-236, 2020.

SILVA, J. H. C. S.; BARBOSA, A. S. A inserção da agroecologia em um novo sistema alimentar pós-covid-19. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 15, n. 4, p. 148-159, 2020.

SOUZA, G. M. R.; RIVEROS, J. L. T. Pandemia do covid-19 no Brasil: impactos do auxílio emergencial na vida dos agricultores familiares, assentados da reforma agrária na cidade de Goiás. **Espirales**, v. 2, n. 5, p. 145-169, 2020.

SOUZA, L. M. C.; ROSA, M. C.; ANTIQUEIRA, L. M. O. R. Ensaio reflexivo sobre a biodiversidade e os valores humanos no contexto da pandemia. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 15, n. 4, p. 45-54, 2020.

ZANCO, A. M.; CORBARI, F.; ALVES, A. F. Conexão entre agricultura familiar e cooperativismo. **Revista Orbis Latina**, v. 9, p. 43-56, 2019.